

## **Os desafios do Trabalho contemporâneo: entre a submissão e a invenção do futuro<sup>5</sup>**

**Marta de Aguiar Bergamin<sup>6</sup>**

Esse tema da uberização do trabalho interessa a todos. Vou falar um pouco de alguns aspectos que considero importantes para debater o tema e depois compartilho alguns pontos das minhas pesquisas recentes para dialogar com Galo sobre o sentido do trabalho. O trabalho informal vai se transformando em uma via única ou se apresenta como uma das poucas possibilidades de acesso a algum trabalho. Mais especialmente para quem mora na periferia, especialmente aos jovens, que vão encontrando barreiras tácitas e poucas possibilidades disponíveis no mercado. Estamos em um momento bastante sensível de crise do mundo do trabalho e a chegada das formas uberizadas do trabalho expressam o modo como um exército de brasileiros se encontram em atividades precárias, intermitentes, sem acessar direitos, com remuneração muito baixa e extensas jornadas laborais.

Isso me instiga a pensar em alguns contrapontos ao precariado: um tipo de trabalho que possa trazer possibilidades de crescimento, configurando potencial de transformação da vida das

---

<sup>5</sup> O artigo foi transcrito a partir da fala original na XV Semana de Gestão de Políticas da USP, ocorrida de forma virtual em outubro de 2020. O texto preservou a oralidade da apresentação, apenas com pequenas adaptações. A versão original pode ser consultada na página oficial do Centro Acadêmico Herbert de Souza: [https://www.youtube.com/channel/UCM2gZJGjdr-30tE5BVcw\\_Pw/videos](https://www.youtube.com/channel/UCM2gZJGjdr-30tE5BVcw_Pw/videos)

<sup>6</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos e professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

peessoas. O trabalho tem essa configuração social central de produção subjetiva de sentido. Nessa medida, participar de um movimento social pode se tornar um engajamento potente para a produção de significação subjetiva, o que torna a vida social mais interessante já que traz para o cotidiano vínculos sociais promovidos por esse trabalho militante, que leva à outras configurações da vida. A cultura foi se tornando na periferia de São Paulo, na zona sul da cidade, nas últimas duas ou três décadas, um complexo de lutas e campos de trabalho. Trabalhos esses que em alguns casos representam uma reconversão social, ou seja, quebras com as trajetórias sociais mais comuns na periferia: uma atividade laboral reconhecida pelo senso comum como algo viável para se obter renda imediata. E os trabalhos ligados à cultura nem sempre representam fontes de renda imediata ou de reconhecimento social na periferia. Mas, para quem abraça o campo cultural como trabalho principal, ou mesmo como um trabalho paralelo, acaba por constituir uma fonte de organização da vida, uma organização política da vida, assim é para muitos militantes e ativistas desse campo: fonte de produção de sentido.

Então, olhando para a outra ponta: a uberização do trabalho não confere sentido forte. Por ser um trabalho sem forma, como alguns sociólogos do trabalho mostram (Abílio, Ludmila C. “Uberização: subsunção real da viração”. Blog da Boitempo. 22.fev.2017) um trabalho informal, amador e que vai se configurando em conjunto com discursos do empreendedorismo como uma atividade laboral disponível a todos. A aposta é em um projeto individual de trabalho, que traga à vida maior liberdade de

uso do tempo, de execução das atividades laborais. Muitos daqueles que fazem entrega ou trabalham em um aplicativo se veem como empreendedores de si.

A luta por direitos vai se esmorecendo quando a produção dos discursos chega nas concepções e práticas dessas novas formas de trabalho. As pessoas já se interessam menos pelas formalizações do trabalho demonizadas nos discursos empresariais que se passam como discursos universais. O interesse em ser CLT nesse processo neoliberal de gestão individual da vida laboral e um consequente desmonte a partir do discurso do empreendedorismo de si disputa com a formalidade do trabalho. A segurança da vida a partir de um trabalho vai deixando de fazer parte do horizonte do imaginário do trabalho nessa conformação de um crescente precariado. Na aparência dos discursos entranhados na nossa sociabilidade neoliberal fica parecendo que a formalidade do trabalho é ruim para o país e para as pessoas, que não terão liberdade de horários e ainda ganham com as características que esse trabalho de aplicativos ganhou.

Uma característica adicional desse novo momento de trabalho é a composição algorítmica que chega também no campo laboral. De alguma forma, se entregou todo o conhecimento, toda a parte criativa do trabalho, para o aplicativo. Um movimento pós taylorista dos controles, em que o capital adquire todo o conhecimento e entrega para o trabalhador os riscos e custos do trabalho. A compra financiada da própria moto, para o trabalho de entrega, o aluguel do carro para fazer uber, a manutenção dos equipamentos, os riscos de um acidente no horário de trabalho. Tudo isso é entregue para os trabalhadores sem nenhum custo para o capital, que fica com os lucros e a manutenção do

software, mas não quer configurar vínculo empregatício com os entregadores. Ao mesmo tempo, o trabalho mediado pelo algoritmo precisa do tempo cada vez maior do trabalhador, que acaba preso em procedimentos gameificados de engajamento do trabalho, onde os critérios não são explícitos e a remuneração inconstante. O algoritmo carrega diversas implicações nos controles de gestão da vida que poderíamos chamar atenção, pensando como um momento ainda mais complexo de toda essa composição do mundo do trabalho.

Desta forma, o capital vai absorvendo tudo de interessante, de conhecimento, que o trabalho produz e deixa para o trabalhador menos qualificado, periférico os resíduos negativos disso: os custos, os riscos e uma remuneração cada vez menor e também incerta em um engajamento de tempo de trabalho cada vez maior, processo que se reforça na pandemia.

É um trabalho que precisa de uma regularização e essa disputa que o movimento dos trabalhadores por aplicativos pode fazer é importantíssima, porque este trabalho tem sustentado o país em um momento de desemprego agudo como o que vivemos. É a única possibilidade de trabalho para muitos jovens em um momento de desemprego alto e de difícil entrada no mercado de trabalho.

O que me preocupa, entrando, nas minhas pesquisas, é a juventude. O que estamos entregando para os jovens e contanto para os jovens do que é o mercado de trabalho? Do que é futuro das suas inserções de sociabilidade no país para eles? As perspectivas são muito limitadas para um jovem de periferia, especialmente para os negros e negras, que têm acesso menor aos estudos, e que precisa gerar uma renda imediata. A uberização

do trabalho acaba sendo apresentada como uma das poucas opções para a juventude na periferia. Há também disputas acontecendo, como o trabalho ilícito, o mercado de drogas. O próprio Galo comentou que os entregadores estão sujeitos à ilicitudes sem ter conhecimento do que estão entregando. Assim, apresentar a uberização como a única possibilidade é reduzir demais o escopo de atuação dos jovens e acaba por bloquear o futuro de uma geração que deveria estar sendo preparada para esse futuro tecnológico.

O que tenho investigado em minhas pesquisas é a participação militante e implicada na produção cultural na periferia da zona sul da cidade de São Paulo que vai tecendo uma significação na produção comum da vida que pode colaborar para romper com as desigualdades raciais e sociais através de novas inserções de trabalho com a produção de identidades que produzem sentido. Uma militância ativista na área da cultura permite realizar um trabalho, que compõe o tecido social em uma produção do comum – a produção de um mundo comum onde uma solidariedade possa fazer parte da vida.

Isso remete à minha primeira questão que muito me interessa na sociologia do trabalho, de entender como podemos produzir um sentido mais forte para a vida a partir do trabalho. O encontro do trabalho com a política, que é isso que Galo viveu, mostra a potência que a política permite como construção de significação subjetiva da sociabilidade. O sentido do trabalho com vínculos de produção de identidades, que ganham caráter político na produção do que se pode possivelmente nomear como comum.

Os trabalhos ligados à cultura na periferia de São Paulo ganharam um lugar social de ativismo e militância para muitas personagens ligadas ao campo cultural, produzindo novas conformações de trabalho como possibilidades para os mais jovens. Esse comum que entrelaça lutas cotidianas periféricas e conecta diversos ativismos que repensam as inserções no mundo do trabalho é potente como forma de vida. Ativando uma imaginação social muitas vezes bloqueada na periferia e que passa pelo trabalho; pelo trabalho fora do trabalho, transmutando as experiências de trabalho nas franjas sociais para além dos discursos do empreendedorismo de si que parecem como farsa de práticas que são só submissas a uma vida social desprovida de sentido.

O ativismo político, nessa medida, pode ser observado como trabalho, mostrando as faíscas que as conversões de sociabilidades produzem na periferia, para que a significação e produção subjetiva faça parte da vida de trabalho de quem habita esses territórios mais distantes do centro. O trabalho com produção de sentido perfaz, então, um outro polo do mundo do trabalho na luta por outra inserção social que saia dessa constituição que a produção neoliberal da vida social acaba determinando aos mais pobres: um lugar submisso à reprodução social da pobreza.

Nessa medida, o campo cultural que se forma como identidade social ganha essa dimensão política por sua implicação, por colocar o conflito como motor da vida na periferia. A reivindicação de fazer parte do mundo comum conduz a uma racionalidade política que se instaura no conflito, como diz Rancière (*O desentendimento – política e filosofia*. São Paulo: editora 34, 1996). Disputar recursos, disputar narrativas, mudar

práticas. O campo da cultura pode se apresentar, nas suas dimensões militantes, como campo de disputa de novos modos de vida, da circulação de novos afetos na construção de campos novos de trabalho e, portanto, de modos de vida. A invenção de trabalhos, é certa invenção de futuro.